

# DIARINHO

SEXTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2018

NOTÍCIAS ▾ Transe**TUDO** ▾ COLUNISTAS ▾ SERVIÇOS ▾ ITAJAÍ 20°

Home > Notícias > Especial > Um estaleiro aberto ao público

## Um estaleiro aberto ao público

Grupo de 40 profissionais especializados em Engenharia Naval trabalha no meio da regatona para deixar barcos tinindo

Publicada em: 10/04/2018 às 00:00 Atualizada em: 10/04/2018 às 07:39



Bernardo deve voltar ao mar na próxima etapa

1 2 3 4 5 6

---

Os cinco barcos que completaram a sétima etapa da Volvo Ocean Race, na cidade de Itajaí, se parecem grandes peças de museu a céu aberto. Estrategicamente colocados a mais de 20 metros de altura do chão, repousando sobre 'berços'. Os veleiros içados passam por uma longa e detalhada vistoria antes de serem colocados outra vez na água em 15 de abril, quando as provas têm início. Nesse período tudo será verificado, desde velas, casco, quilha e componentes internos.

O público que visita a Vila da Regata aproveita a fácil visibilidade para tirar fotos e ver de perto os engenheiros trabalhando. Quem assume agora os trabalhos são os profissionais do estaleiro itinerante da Volvo Ocean Race. Em Itajaí, ele fica após a área gastronômica da Vila.

Foi uma etapa muito complicada pelos mares do sul e agora nós temos que arrumar os componentes que foram danificados. Eles precisam estar em perfeitas condições para velejar outra vez e de maneira igual", contou o espanhol Álvaro de Haro, chefe de engenharia da Volvo Ocean Race.

O boatyard da Volvo Ocean Race tem um grupo de 40 profissionais especializados em engenharia naval. Os técnicos assumem os barcos após o fim de cada etapa e arrumam todos os problemas. Além dos oficiais, os times contam com um grupo de especialistas, que são chamados de shore team ou equipe de terra.

"Somos os profissionais mais qualificados para esse processo, pois foi a Volvo Ocean Race que construiu os sete barcos. Tudo depende de detalhes, a diferença de um barco para o outro são pequenas coisas, como pintura, polimento e ajuste das peças", disse o engenheiro espanhol.

O último a ser içado para reparos foi o Mapfre, que teve sérios problemas na etapa, ficando inclusive parado por horas no Cabo Horn. Outros dois barcos são esperados em Itajaí para os reparos necessários, inclusive o Vestas 11th Hour Racing, que perdeu seu mastro semanas atrás e foi obrigado a abandonar a prova.

Álvaro de Haro não tem dúvidas de que vai dar tempo. "Tudo depende da quantidade de gente e o tempo. Se a gente tiver menos tempo, vamos chamar mais profissionais e se for preciso trabalhar 24 horas por dia, nós vamos trabalhar. Mas sei que as tripulações de Scallywag e Vestas 11th Hour Racing já estão adiantando o serviço", diz.

### **Itajaí e Auckland: as melhores paradas**

Líderes em visitas na regata de Volta ao Mundo, as cidades de Itajaí e Auckland (Nova Zelândia) já são conhecidas do público internacional por saber cativar seus visitantes. Os catarinenses, ainda com menos tradição náutica que os chamados kiwis da Oceania, já despertam atenção e curiosidade. Mas como eles levam tanta gente?

"Isso é muito curioso, na realidade tenho muitos amigos na Nova Zelândia, pois ficamos quase um ano lá. Eles nos falaram que antes a parada em Auckland era considerada a maior festa da Volvo Ocean Race e que agora Itajaí está concorrendo com eles. Fiquei muito feliz com esse reconhecimento dos neozelandeses", contou o velejador Vilfredo Schürmann.

"Estive há um mês aqui e fiquei muito preocupado, pois não tinha praticamente nada e agora está uma Vila da Regata enorme. Deu tudo certo! Parabéns à organização, à Volvo, à prefeitura de Itajaí e aos voluntários que estão ajudando a fazer essa festa magnífica", disse Vilfredo. Ele fica ainda mais feliz, já que o veleiro Kat, que é base da família Schürmann, foi construído em Itajaí.

### Português ajuda na revisão dos barcos

A maioria dos velejadores já está curtindo um descanso merecido em Itajaí ou voltou para casa. Mas quem ficou por aqui ganhou um servicinho a mais.

“Nesta stopover em especial, eu estou trabalhando durante em conjunto com a nossa equipe de terra. Eu sou um dos velejadores responsáveis por todo o deque, ou seja, todos os moitões e molinetes. Então tenho de retirar todas estas partes do barco, desmontar e fazer uma revisão cuidadosa antes de montar”, explicou o português Bernardo Freitas, atleta do Turn The Tide On Plastic.

Na sétima etapa, o velejador ficou de fora da regata e deu lugar ao compatriota Frederico de Mello. Para a largada do dia 22 rumo a Newport, nos Estados Unidos, Bernardo Freitas tá confirmado.